

Director  
Justo da Paixão  
Editor  
Ferreiro Alves  
Redacção,  
Composição  
e Impressão  
Largo de Santana,  
62-Abrantes

# BALUARTE

Semanario Republicano de maior circulação no distrito de Santarém

Orgão...  
Assinatura...  
6 meses 600  
Um ano 1250  
Número avulso  
25 centavos

196

## A PROPÓSITO O RAMBOIA Excomungado

O ORGÃO do cambão, halucinado, apoplectico, farejando um mau negócio na construção do hotel, perdeu inteiramente a pouca linha, que já caracterizava.

Desde a primeira hora que puzemos aqui a questão nos seus termos exactos. A construção dum hotel é uma iniciativa inteiramente particular, sem qualquer carácter de melhoramento publico e ao qual não deve emprestar-se cunho politico.

Logo que se deu um desvio nessa orientação, querendo misturar entidades varias no caso e dar a este o aspecto dum acto de benevolencia, havia fatalmente de succeder o que succedeu.

Os autores do projeto tem na sua realisação um fim comercial, que a todos é licito discutir e apreciar como muito bem o entendam. Pretenderam inicialmente apresentar-se como um ar de altruistas, a quem não movia o demónio insaciavel do ganho e do mando, mas unicamente o desejo de prestar um serviço aos outros. Aceitar como legitimo esse principio seria aparentar uma estupidéz, que não possuímos e dar occasião a que os finórios se rissem á custa alheia. Posta a claro a chave do enigma, houve o costumado aranzel das rãs, importunadas no seu coarçar desesperador. Friamente comentaremos algumas das rebarbativas razões, que aduz o «Jornal de Abrantes» para ludibriar os seus leitores, lançando-os contra as pessoas, que cometem o horrivel crime de não curvarem a cerviz ao mandões lá da casa.

Cita a attitude da imprensa naban-tina, que unanimemente protestou contra as alegações dum hospede, que não se deu bem com o tratamento dum hotel de Tomar.

Toda a gente podia invocar esse argumento, menos o jornal referido, que para realçar em funambulescas piruetas os empenhos do decantado «palacio das quimeras», arrastou pelas ruas do mais amargo descredito, os hoteis abrantinos, levando os seus pruridos até contar que um actor e umas actrizes, foram obrigados a ir para o Rossio, acossados pelos insectos que pululavam naquelas casas.

O argumento pois, é a «contrario sensu» e tão luminosamente isso se compreende, que não vale insistir nele.

Acendendo luminarias, o orgão, noticia que um grupo de operarios da construção civil, resolveu pedir «...que as anti-patrioticas tentativas sejam aniquiladas.» Isto refere-se ao singelo procedimento dum individuo, que no uso dum direito que o Código Civil lhe dá, optou numa arrematação por um fosso e ainda ás pessoas que não encontram legitimo a apropriação surrateira duma propriedade, que pertence ao Estado. Como nos contamos nesse numero, pelo espirito de defeza dos interesses do Estado, que são os de todos nós, somos portanto anti-patrio-

tas. Esta designação applicada a um facto tão comensal é dum picaresco irresistivel. Recusamo-nos a acreditar, que tal apodo tenha partido desses operarios, mas se assim acontece, temos que os classificar de imbecis e cretinos. Desculpamos-lhes entretanto o adjetivo, revelador duma ignorancia lamentavel que pede instantemente a compra dum dicionário para conhecimento da significação dos vocabulos. Esse termo applicado a um caso destes, só se justifica em larvados, ricos duma estupidéz sem limites. Inimigos da Patria por causa dum fosso, só de foragidos de Rilhafolles! Podem á vontade os tais operarios fazer o frete, que julgarem conveniente aos plutocratas, se bem que não seja muito próprio de proletarios apoiarem servilmente os capitalistas, mas por favor não se metam a usar expressões, de que ignoram o sentido.

A sua iniciativa, encomendada bem entendido, só merece piedade, por ser um assustador indicio da sua falta de compreensão. Os operarios pelas suas condições materiaes e moraes, victimas de injustiças de toda a sorte, quando tem consciencia dos seus direitos, são liberaes, democraticas, altivos, procuram melhorar as condições da existencia, aproximam-se da igualdade social e procedendo assim conquistam o respeito de todos os homens bem formados.

Quando se transformam em serventários rasteiros da plutocracia despótica e reaccionária demonstram possuir uma alma de escravos, unicamente inspiram compaixão.

Escrevemos isto sem acrimonia, confrangidos até pelo degradante papel a que esses operarios se estão sujeitando. Damos-lhe até licença para repetirem a insinuação que os patrões misteriosamente segredam: «que estamos feitos em misteriosas alianças». Entretanto fazemos-lhes uma pequena observação.

A politica de bastardia em que as convicções são tão anemicas, que necessitam de cruzamentos para darem um produto normal não se entendem conosco. Disfrutamos uma situação politica privilegiada, merecida ou não, pouco interessa ao caso, mas nunca a aproveitamos em beneficio proprio. Da Republica jamais recebemos fosse o que fosse, em compensação temos-lhe dado toda a nossa intelligencia e combatividade. Nas horas amargas, quando os usufrutuários do regimen constitucional se recolheram ao comodismo e á inercia permanecemos fieis á doutrina e aos amigos, ocupando os postos de combate vagos pela diserção, dos que tinham a imperativa obrigação de lá se encontrar. Nunca abdicamos um apice no caminho que o dever moral nos indica e o que isso custa, só o avaliam os que experimentam. Por isso essas insinuações torpes e miseraveis podem calar no animo dos ouvintes, quando se referem a pessoas cujo passado, é de transigen-

Varios leitores tem estranhado que não continuassemos dando-lhe noticias do afamado padre de Martinchel, o sr. Antonio Martins. Um deles escreve-nos contando que o divertido reverendo esteve há anos em Abrantes, donde foi expulso pelo sr. prior Raposo, indignado com o seu procedimento atrabiliario e descomedido.

Éra então o simpatico personagem conhecido pela alcunha popular e caracteristica do Ramboia. Realmente deixamos o homunculo um tempo em paz a ver se tomava juizo e cazeio, mas como o seu catarro na mioleira vem desde nascença, é incorrigivel. O povo desta freguesia que ao principio o defendia, está bem arrependido do que fez e até os seus mais intimos amigos lhe voltam a casaca, sem alusão ao sr. João Casaca que já o não pode ver.

\*\*\*

O mestre Ramboia porem á falta de quem o escute resolveu botar mão da pena e vá de dirigir epistolas a todas as pessoas, que não estão na sua graça. A uma pessoa cujo nome não vem para o caso, dirigiu-lhe uma carta a desafiarlo para um duelo. Não dizia o exemplar reverendo, se o encontro se realizava nalguma taberna, á espada de copos... do branco, bem entendido. A outro amigo nosso, escreveu-lhe igualmente ameaçando-o das iras celestes e misturando insultos e ameaças ao Baluarte, que nos fizeram rir a bandeiras despregadas. Por este processo o famigerado Ramboia não leva nada. Temos pouco, para não dizer nenhum medo, das suas ameaças, nem das vinganças dos seus protectores, por quem temos um desprezo igual ao que lhe consagramos. Por isso não o largaremos de mão, já que quem teinhaesse dever não o chama o capitulo, acabando com o vomitorio de ameaças que espalha nesta terra, como um agente provador que é, alem de desordeiro profissional.

ciás e ablições, conosco não existe esse perigo. Eis o motivo, porque esses racontares nos provecam uma sábia e fresca hilariedade, que nestes tempos incertos são sempre de apreciar. De resto não aceitamos lições de individuos incolores e acomodaticios, nem tão pouco descemos até eles, dando-lhes a consideração de os desmentir. Porque mesmo dos republicanos, só as recebemos daquelas que tiverem uma bagagem de sacrificios e riscos igual á nossa. E aos que repetem inconscientemente o que lhe murmuram os peritos da intriga, recordar-lhe-hemos o proverbio — o bom julgador, por si se julga —, mas sómente no dia, em que os virmos praticamente dar provas duma fé, duma pureza, duma constancia republicana, que os torne possos pares...

Este numero foi visado  
pela comissão de censura

O Jornal de Abrantes, anda positivamente em maré de pouca sorte. Desaba-lhe em cima um temporal forte e nutrido, que o traz mais açotado do que uma debil graminea. Como se não lhes bastasse o que vae pela região, veem agora as Novidades do dia 18 aplicar-lhe uma tunda de respeito. Com desdem, despresivelmente nunca lhe citam o nome, chamando-lhe com um ricto de nêjo «gazeta». Mas o melhor é transcrever alguns dos periodos já que o artigo é demasiadamente longo para isso.

«Uma gazeta de Abrantes, num artigo por varios motivos falho de senso reclamava há dias a liberdade para todas as religiões, acrescentando, logo a seguir, que o «fanatismo será combatido como um vicio canceroso da vida da nação».

Tal «eufemismo» com que a tal gazeta proclamando-se «independente» advoga a doutrina questão do laicismo!

Comentando esta doutrina as Novidades apodam-na de: «gaguez intellectual, que nem mesmo em terra provinciana se desculpa», dizendo que é: «um ataque hipocritamente disfarçado».

E só por os redatores do «Jornal de Abrantes» quererem a liberdade para todas as religiões, os seraficos e intolerantes Novidades, não hesitam em os apodar de autenticos «malfeitores sociaes». Quem não pensa como os sacristas do orgão dos frades seculares, é logo tratado desta amavel maneira.

Mais adiante as Novidades, filtam a attitude da tal gazeta no seguinte: «porque lhe pesam os seus preceitos moraes». E a seguir: «E' isto que se compreende já hoje em todos os países onde a mentalidade da gazeta de Abrantes deixou há muito de imperar, como velharia impropria de terras que se orgulham de civilizadas».

Como girandola final, o orgão do Partido Católico, apoiado pelos bispos e inspirado pelo Cardeal, chama o autor do artigo entre outras amabilidades puxavantes: sectario, gago mental e falho de intelligencia.

Enfim só nos faltava ver isto, os piedosos e catholicos obreiros do Jornal de Abrantes, excomungados pelos conegos, bispos e demais clero, exactamente como os herejes e os maçons.

Na igreja o lema é sempre o mesmo, cre ou morres. O J. de A. atraiçoa as diretrizes clericas e o resultado não se fez esperar. Lançaram-no ás fêras. Rasão tinhamos nós em o alcunhar de «Judas a tres tostões».

Mais uma vez fomos profetas.

### PELO CORREIO

Temos recebido varias reclamações, dediferentes terras, queixando-se de que não recebem o Baluarte em devido tempo e outros não o chegam a receber. Os jornaes dos assinantes vão todos para o Correio e a horas de puderem seguir para os seus destinos. Não sabemos os motivos destas faltas, que nos acarretam prejuizos grandes. Por agora limitamo-nos a pedir providencias a quem competir, para ver se estas faltas deixam de continuar.